



O Sínodo da Amazônia e os dilemas do catolicismo

The Amazon Synod and the dilemmas of Catholicism

EMERSON JOSÉ SENA DA SILVEIRA^a

MARCOS VINICIUS DE FREITAS REIS^b

FÁBIO PY MURTA DE ALMEIDA^c

Resumo

O presente artigo pretende apreciar, reflexivamente, a proposta do Sínodo da Amazônia convocado pelo Papa Francisco – a realizar-se em Roma em 2019. Os documentos preparatórios e as reações internas e externas à Igreja, demonstram a importância social, ecológica, econômica, cultural, política e religiosa deste evento, que poderíamos chamar de momento inflexivo. No contexto mais amplo, percebemos o esforço de reconfigurar o catolicismo na Amazônia. A partir de metodologia qualitativa teórica, com revisão bibliográfica parcial, combinada às reflexões sobre alguns sinais extra e intrainstitucionais investigaremos que caminhos o catolicismo está trilhando na Amazônia e na contemporaneidade.

Palavras-chave: Sínodo da Amazônia. Diversidade Religiosa e Cultural. Igreja Católica e Amazônia.

Abstract

This paper aims to reflexively consider the proposal of the Amazon Synod convened by Pope Francis – to be held in Rome in 2019. The preparatory documents and the internal and external reactions to the Church's movement demonstrate the social, ecological,

^a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil. Doutor em Ciências da Religião, e-mail: emerson.pesquisa@gmail.com

^b Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, AP, Brasil. Doutor em sociologia, e-mail: marcosvinicius5@yahoo.com.br

^c Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil. Doutor em teologia, e-mail: pymurta@gmail.com

economic, cultural, political and religious importance of this self-reflective event. In a broader context, it is possible to see the effort to reconfigure Catholicism in the Amazonian territory. Through the application of a theoretical qualitative methodology, with a partial bibliographic review, combined with the considerations on some extra and intra-institutional signs, we will investigate which ways Catholicism is treading in the Amazon and, also, in contemporary times.

Keywords: Amazon Synod. Religious and Cultural Diversity. Catholic Church and Amazon.

Introdução

O presente texto procura compreender a convocação da Igreja Católica para um dos mais emblemáticos sínodos após o Concílio Vaticano II, cujo objetivo declarado é discutir as questões ligadas à realidade integral — ecológica, social, cultural, eclesial, étnica e econômica — da Amazônia.

A presença do Catolicismo nessa imensa região transnacional é marcada por dificuldades, entre as quais: a amplitude do espaço, a presença de grupos religiosos não-cristãos, os aspectos étnicos e as resistências, reapropriações e oposições dos povos originários, tornam a realidade amazônica múltipla, complexa e multifacetada. O catolicismo amazônico caminhou próximo às ondas de transformação social e econômica tanto em suas vertentes sincréticas (pajelança cabocla) quanto em sua vertente oficial. Durante a maior parte do século XX, apesar de sucessivas ondas de exploração — do ciclo da borracha à ditadura militar — a maioria da população era rural e o modo de evangelizar estava atrelado a uma ampla escassez de padres. Muitas comunidades rurais tinham visitas do clero católico uma vez no mês, senão anualmente.

Nos anos 1980, a inserção nas comunidades eclesiais se deu, em boa medida, por meio de atividades sociais ligadas com as comunidades eclesiais de base, luta pela demarcação de terras indígenas, luta contra o desmatamento, preservação da cultura quilombola, eleição do pobre como centro das suas atividades religiosas, valorização do papel da mulher, combate ao tráfico de pessoas e drogas, e defesa dos refugiados (MAUÉS, 2010).

Apesar da importância geopolítica, ambiental e econômica, o catolicismo nunca colocou as questões amazônicas como prioritárias em suas

atividades em nível internacional. O catolicismo amazônico sempre foi visto pela própria Igreja como área subalterna, excluída e inferior, não requerendo maiores investimentos ou atenção para atividades evangelísticas.

Com a eleição do Papa Francisco em 2013, e a convocação do Sínodo da Amazônia, parece que existe uma mudança de entendimento sobre as questões da região amazônica. O presente texto se propõe a traçar uma introdução ao Sínodo da Amazônia convocado pelo Papa Francisco, apreciando reflexivamente a teologia do Sínodo, as apostas religiosas gestadas no seu interior.

A partir de metodologia qualitativa teórica, com revisão bibliográfica parcial, combinada às reflexões sobre alguns sinais extra e intrainstitucionais, investigaremos que caminhos o catolicismo está trilhando na Amazônia e na contemporaneidade. Assim, dividiremos o texto em três momentos correlacionados: 1) elementos gerais da organização teológica sinodal; 2) a pastoralidade; 3) a teologia das religiões e a profecia como elementos diferenciais da proposta sinodal. Para isso, primeiro ponderaremos sobre o esquema teológico-dialogal que vem sendo produzido nos debates que ocasionam o Sínodo.

Os desafios do Catolicismo na Amazônia

Poucos são os trabalhos acadêmicos que versam sobre a realidade do catolicismo no contexto da Amazônia. De acordo com Carmo e Reis (2015), a Igreja Católica vem perdendo fiéis nos últimos anos nas cidades da região amazônica. Ao mesmo passo, percebe-se o crescimento dos evangélicos, liderados pela Assembleia de Deus e pela Igreja Universal do Reino de Deus, além do crescimento dos sem religião. Os dados do censo do IBGE 2010 apontam que as religiões evangélicas cresceram em número de fiéis, pastores, templos e influência na sociedade, sobretudo em regiões periféricas e entre a camada mais pobre da população.

Uma das razões que nos levam a compreender a queda do catolicismo no contexto amazônico é a falta de sacerdotes nas comunidades rurais, nas

comunidades tradicionais, regiões quilombolas ou nos interiores de difícil acesso. Há lugares que a celebração da missa, batismo e casamento são realizados uma vez no ano pela falta de padres para realizar os sacramentos. O catolicismo não consegue atender as demandas individuais da população dessas regiões, abrindo espaço para que diferenças religiosas do movimento evangélico pentecostal ou neopentecostal, por meio das suas atividades prosélicas, consigam angariar novos adeptos.

Para Pacheco (2013) diagnosticamos o perfil do catolicismo na Amazônia por sua formação histórica e sociocultural. Desde o século XVI detectamos a presença de ordens religiosa na capitania hereditária do Grão-Pará. Franciscanos, capuchinhos, beneditinos, entre outros, se fizeram presentes em vários locais da floresta amazônica com o intuito de cristianização (PIMENTEL, 2016). A ideia consistia na conversão dos indígenas, caboclos da Amazônia e outros moradores da região que aderissem à fé católica em detrimento das suas tradições culturais e religiosas.

Martins (2015) nos mostra que a atuação do catolicismo do século XVI até o século XIX é marcado pela tentativa de hegemonia cultural e religiosa da Igreja Católica na Amazônia. Por meio dos discursos e atitudes do bispo Dom Antônio Macedo, à frente da diocese de Belém no século XIX, era necessário combater aqueles tidos como inimigos da fé católica, a exemplo, protestantes, espiritismo, o pensamento secularizante e moderno, práticas africanas e indígenas e outras formas de pensamento. O objetivo é a construção de uma Amazônia ligada exclusivamente aos os valores cristãos, tendo a Igreja Católica como a única instituição referência de valores morais e religiosos. Para isso foram criados jornais, rádios, cinemas, clubes esportivos, escolas, hospitais, obras sociais e seminários religiosos, além da proibição a protestantes, espíritas, escravos, indígenas, dentre outros de praticarem seus dogmas e rituais religiosos. Pacheco (2013) salienta que o Catolicismo consegue tornar-se a religião com maior número de adeptos, influenciar na política, economia, cultura, aspectos sociais e artísticos da realidade amazônica. A presença do catolicismo na extensão territorial da floresta amazônica, ajudou no sucesso da implantação da colonização portuguesa.

Para Maués (1980), o catolicismo popular desponta-se como a maior expressão da identidade católica na Amazônia. As devoções populares aos

santos, os sacrifícios, oferendas, orações, ladainhas, romarias, procissões, cânticos, uso das velas, fogo, água, e a busca por milagres e curas são características que podemos encontrar no Círio de Nazaré, nas festas de São Benedito e de São Sebastião, entre outras manifestações. Tais celebrações nem sempre têm aprovação da hierarquia católica. De acordo com Pacheco (2013), entre esses festejos alguns são realizadas a mais de cem anos. Há a existência de alguns elementos da cultura indígena e africana dentro dos festejos, causando repulsa em parte dos padres e bispos católicos.

Pacheco (2013) disserta que o catolicismo não consegue eliminar outras formas de religiosidade — entre as quais, de acordo com Maués (1980), estão a pajelança, o tambor de mina, parteiras, curandeiras, benzedeiras, marabaixo, sairé, dentre outras práticas religiosas. As culturas indígena e africana (afro-ameríndia) ainda são muito vivenciadas pelas comunidades amazônicas. Figuras como o Boto, o Boi, o Curupira e os Encantados, estão presentes na memória e no cotidiano das práticas e saberes dos povos da Amazônia.

A partir da metade do século XX, percebemos que a diversidade cultural e religiosa da Amazônia se acentua. A lógica concorrencial entre grupos religiosos é instalada na busca por fiéis e espaços na sociedade (REIS, 2016). Surgem novos formatos de religiosidades, e instituições religiosas organizam de outras formas, instituindo novos discursos, novas doutrinas religiosas, e novas estratégias com o objetivo de apresentar novas opções religiosas. Além do desafio do “mercado religioso” e da falta de padres e bispos nas regiões rurais, outros problemas que o catolicismo enfrenta na região são: a neopentecostalização dos indígenas, o papel feminino nas atividades da Igreja, a dificuldade no ecumenismo e no diálogo inter-religioso, a falta de diálogo com as comunidades quilombolas e a falta de lideranças católicas para a preservação do meio ambiente.

Nos anos de 1960 a Teologia da Libertação ganha espaço em várias dioceses católicas. Reis (2016) nos mostra que o modelo de Igreja Católica baseado nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) é implantado. São iniciados trabalhos com a Pastoral da Terra, Pastoral da Criação, trabalhos com indígenas, quilombolas, ribeirinhos, refugiados, imigrantes e mulheres com o objetivo de acabar com as desigualdades sociais. Influenciados pelo Concílio

Vaticano II, e tendo por lema a opção preferencial pelos pobres, as ações católicas foram focadas para reverter os problemas sociais dos excluídos e subalternos que vivem na Amazônia.

A questão ambiental ganha importância no trabalho das CEBs: preservação do clima, combate à poluição das matas, combate ao desmatamento, preservação da fauna e das fronteiras entre os países. Isto é, preservar o meio ambiente na Amazônia é garantir formas de subsistência para a população pobre, sobretudo das comunidades rurais. Muitas famílias vivem da coleta, do plantio da mata, da carne de animais da floresta, da água das matas. Necessitam de chuvas regulares e clima estável para que suas atividades econômicas tenham sucesso.

Contudo, com a eleição do Papa João Paulo II, as questões sociais ligadas à Teologia da Libertação sofrem perseguições em nome da “restauração conservadora”. Houve processo de desmonte e desmobilização da hierarquia católica para com as iniciativas dos setores progressistas no interior da Igreja. Seminários católicos e sua estrutura formativa foram reformados ou modificados, dioceses foram divididas, padres e bispos conservadores foram nomeados. O incentivo aos movimentos católicos conservadores desestimulou as atividades do catolicismo progressista nos campos da agricultura, da atenção ao indígena, do ecumenismo, das mulheres, das comunidades quilombolas, das questões ambientais, de gênero e nos temas de direitos humanos como um todo.

Com a eleição do Papa Francisco, em 2013, pela primeira vez um Papa da América Latina chegou status máximo da hierarquia. Por essa época, a Igreja Católica via-se marcada por escândalos de corrupção, perda de fiéis, perda de influência na política internacional e nos assuntos internos dos países. Sofria críticas de organismos internacionais pelos posicionamentos contrários ao aborto, casamento homoafetivos, educação religiosa e, também, sofria com problemas financeiros. O pontificado bergoliano, desde então, tem dado visibilidade às demandas de regiões e públicos até então deixados na periferia de assuntos católicos: imigrante, meio-ambiente, pobreza e exploração colonial.

Com o intuito de promover melhor presença do Catolicismo. Papa Francisco convoca o Sínodo da Amazônia. A proposta é escutar setores

católicos e da sociedade civil para reposicionar o catolicismo sobre as questões principais da Amazônia. Em outubro de 2019 ouviram-se bispos, leigos e padres para desenvolver novas estratégias e linguagem no contexto amazônico, para reverter os problemas que o catolicismo enfrenta nesta região.

O Sínodo da Amazônia e a pluralidade teológica

O Sínodo da Amazônia tem um documento, o *Instrumentum Laboris*, que orienta os trabalhos dos bispos do Sínodo dos Bispos, na Assembleia Central para a Região Pan-Amazônica. Nesse caso, internamente se escreve que metaforicamente esse documento é um “*Documento Martin*”. O que de um lado indica a força que as lideranças vêm apostando sobre ele, e de outro carrega-se o peso da ideia do martírio e da testemunha no âmbito da história da Igreja (DREHER, 2014). Ele também é percebido sobre a seguinte adjetivação: “como uma semente que é enterrada no chão da Amazônia é uma semente que morre, se deixar Amazoniar para depois nascer a partir do nosso chão, da nossa realidade” (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 8). Com essa metáfora se busca destacar que, a partir do ambiente da Região Pan-Amazônica, o Sínodo vislumbra balizar novas demandas mais articuladas com a ambiência da região da Amazônia. Isso sobre o prisma do texto básico, João 12:24, que diz: “Em verdade, em verdade vos asseguro que se o grão de trigo não cair nessa terra e não morrer permanecerá ele só, mas se morrer produzirá fruto” (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 11). Como se pode ver, o texto básico está relacionado com as duas metáforas que circundam como justificativas e expectativas sobre o evento sinodal.

De forma direta, o *Instrumentum laboris* representa em linhas gerais os temas e contribuições das pessoas que circulam a Igreja, promovidos junto às rodas de conversa, fóruns, seminários e assembleias sinodais territoriais. Eventos que vêm sendo construídos para uma escuta mais profunda das comunidades amazônicas, uma vez que o Papa Francisco se preocupa em sensibilizar o que chama de “escuta territorial”. Por meio dessa metodologia tem esperança de que “esse evento eclesial iluminará não apenas a Igreja da

Amazônia com seus povos, mas também toda Igreja Universal” (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 31).

Assim, com essa metodologia plurifocal, recolhe-se as experiências de diferentes pessoas e se tem a pretensão de horizontalizar o clero, ouvindo as vozes vindas do campo, da cidade e das florestas, clamando por “justiça, direitos, paz, educação, saúde, segurança e todas as dimensões que perpassam a condição humana intermediada pela natureza ameaçada da grande Amazônia” (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 32). O documento da escuta tem uma larga envergadura já somando 147 tópicos que podem ser subdivididos em três partes:

Quadro 1 – Quadro Geral do Documento

<i>Momentos</i>	<i>Tópico</i>	<i>Ação</i>
<i>Primeira parte</i>	Escuta as vozes da Amazônia à luz da fé.	Ver
<i>Segunda parte</i>	Respostas aos clamores dos povos e do território amazônico por uma ecologia integral.	Julgar
<i>Terceira parte</i>	Desafios no horizonte dos novos caminhos para uma igreja profética na Amazônia.	Agir

Fonte: Autores (2019).

A partir dessa caminhada do documento/escuta, iluminado pela metodologia do Ver/Julgar/Agir — símbolo da Teologia da Libertação — o objetivo do Sínodo em termos eclesiológicos é de possibilitar cada vez mais a construção de que a Igreja Católica seja uma igreja *autóctone*, enraizada numa *eclesialidade pluriforme*. Esse incentivo dado pelo Papa Francisco é um resgate do Concílio Vaticano II, quando se instituiu um “dispositivo” (FOUCAULT, 1999) em meio a densidade do direito canônico da “volta às fontes” teológicas tal como as fontes bíblicas e da patrística. Isso porque em termos de conteúdo teológico no cristianismo católico se reconhece que desde os primórdios da Igreja o movimento de Jesus as “Igrejas-filhas” iam nascendo de “Igrejas-mãe” diferentes, mas sem se excomungarem (DREHER, 2014). Portanto, o documento inicial do Sínodo se baseia no Vaticano II, quando pondera em linguagem teológica que o “Reino de Deus” se reconhece junto às igrejas em seu contexto e “as diferenças entre as Igrejas, longe de ser

um perigo à unidade, atestavam o exercício de uma unidade na diversidade” (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 47).

Nas prévias do Sínodo da Amazônia também se segue outro apelo do Concílio Vaticano II, quando entende que a dinâmica organizacional da Igreja deve ser “reinocêntrica”. Estabelecendo-se sobre a seguinte ordem estrutural: a “Igreja é ‘igreja de igrejas’ locais” (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 56). Ao mesmo tempo, toda sua catolicidade (ou universalidade) “está presente em cada igreja local, pelo fato de ter o mesmo, por inteiro, em comum com as demais” (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 56). Mesmo com essa estrutura articulada existe a ideia do Papa Francisco de buscar de forma lenta e devagar a construção de uma “sã descentralização” em prol de uma igreja mais livre e independente da Igreja de Roma.

Portanto, com o Sínodo o Papa Francisco busca reativar o Concílio Vaticano II, reconhecendo as particularidades e as experiências teológicas da Amazônia: promovendo as culturas, evitando a homogeneização cultural, rejeitando a cultura dominante, a busca de uma atividade que ajude a superar o clericalismo na luta por transpor posturas rígidas que não consideram a vida concreta, e, aproximando-se da espiritualidade dos povos indígenas através de catequese e de homilias narrativas que reforcem o protagonismo indígena. A ideia do Sínodo é de assumir a diversidade cultural que soma a unidade da Igreja, pois para o Papa Francisco a pluralidade é a expressão máxima do legado cristão de mostrar a “a beleza deste rosto pluriforme” (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 79).

A pastoralidade do Sínodo da Amazônia

Por definição, a pastoralidade é um caminho de encontro à diversidade, quando se busca os diferentes níveis de encontros reconhecendo novos sinais, novos símbolos, novos rostos que se relacionam. É assim que as lideranças da Igreja buscam alinhar o legado cristão e as diversas formas e diferentes culturas que se espalham na Floresta Amazônica, cada dia mais ameaçada. A pastoralidade parece ser o verniz teológico do Sínodo se apoia na tradição

tupi-guarani de esperança de se ter acesso à “terra sem males” (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 91).

A eclesiologia pastoral imaginada pelo Papa junto ao Sínodo, é de organizar comunidades no sentido de que sejam rotativas no serviço, interessadas no acesso aos demais rostos que se encontram na ambiência da floresta e de suas cidades. Agora, quando se pensa na questão do “poder de governo da comunidade paroquial” (HERVIEU-LÉGER, 2008) a ideia do Papa é de que não há a necessidade de estar vinculado em todos os âmbitos ao sacramento da ordem, mas sim, na forma do serviço. Abandonando a ideia de se construir uma “pastoral de visita” e visando o estabelecimento de uma “pastoral de presença”, em todas as expressões: ministérios, liturgia, sacramentos, teologia e serviços sociais.

Portanto, o Sínodo traz em si a proposta de vivência pastoral nas comunidades “que seria de ajudar a promoção das vocações autóctones de homens e mulheres (indígenas para indígenas)” (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 105). Assim, é a partir das pastorais amazônicas que desenha uma relativização no direito canônico ao se abrir a brecha de nas regiões mais remotas a “ordenação sacerdotal de pessoas idosas, de preferência indígenas, respeitadas e reconhecidas por sua comunidade, mesmo que já tenham uma família constituída e estável, para assegurar os Sacramentos que acompanhem e sustentem a vida cristã” (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 105). No caso, é em nome da experiência pastoral que se abre a possibilidade do sacerdócio com matrimônio, algo que nunca foi permitido. Na mesma operação, o Sínodo quer repensar o “tipo de ministério oficial que pode ser conferido à mulher” (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 107). Nesse sentido, o evento busca tecer novos canais na estrutura do clero a partir da experiência amazônica.

Agora, sobre a questão do ambiente da pastoralidade nas comunidades da Amazônia deve-se considerar que as cidades parecem ser

uma terra sem dono. Precisamos ter uma estratégia de trabalho e mobilizar as cidades. As cidades são o destino para onde as pessoas vão, após serem despejadas de seus territórios. A cidade deve ser compreendida dentro desse modelo que esvazia os territórios para apropriar-se deles, despeja as populações e as expulsa para as cidades (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 114).

Por isso, na linguagem da “comunidade pastoral” romana um ponto fundamental do Sínodo é pensar nos diferentes processos de inserção pastoral nas cidades, pois são o terreno onde “as pessoas vivem e têm uma experiência de Deus como peregrinos de sentido” (HERVIEU-LÉGER, 2008). Pensando nas novas configurações de cidades, novas espacialidades com novos fluxos de pessoas (HARVEY, 2001, p. 56-59) indica-se os diferentes complexos gerados no capitalismo urbano, trazendo a preocupação dos povos indígenas. Nos quais, são pensados como “migrantes, ou um ser humano sem-terra e o sobrevivente de uma batalha histórica pela demarcação de sua terra, com sua identidade cultural em crise” (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 132).

O problema é que eles hoje, além de serem considerados como migrantes nas cidades, vêm passando por um vertiginoso processo de pentecostalização influenciado pelos tentáculos das igrejas evangélicas e pentecostais. Diretamente, quem vem causando tal equação são as casas missionárias evangélicas e ONGs que de sobremaneira desprezam as culturas dos povos originários. Portanto, a inteligência do Sínodo entende que para os indígenas que moram nas cidades deve-se ter uma pastoral específica, ligada tanto aos temas indígenas quanto da urbanidade. Contudo, a pastoral leva a pensar “nas mudanças das estruturas sociais e econômicas para que o desenvolvimento da cidade não represente uma ameaça aos territórios” (*Instrumentum Laboris*, parágrafo 133).

A teologia das religiões e a profecia no Sínodo

Se, com o Sínodo, o Papa Francisco trata de pastorais e diversidade cultural, a teologia que mais responde a isso seria a teologia das religiões. Esta é um ramo da teologia que faz das religiões o objeto de sua reflexão, pensando sobre o significado estruturante das religiões e sobre o sentido da imaginação do Sagrado na direção da doutrina da salvação, com suas inter-relações/pontos em comum na pluralidade dos credos (DUPUIS, 1999; TEIXEIRA, 1995).

Nesse caso, o Sínodo se sustenta junto a teologia das religiões como uma ampla atitude de pensamento sobre Deus. Portanto, se pode dizer que o pastorado participa do amplo diálogo ecumênico e inter-religioso, quando

relaciona uma “Actitud de escucha y diálogo desde la vida cotidiana con el territorio, con los comunarios, con la cultura. Evitar la división, lograr la unidad. Dialogar es el único camino de lucha por el territorio y la cultura, la presencia con el testimonio ante los otros” (CPIB, 2016). Assim, o evento se posiciona na contramão da teologia da prosperidade e contra diferentes tendências fatalistas que, de um lado, propagam o medo e, de outro, afirmam a salvação segura a seus adeptos. Pois a mensagem do Sínodo é decididamente aberta ao diálogo, principalmente junto às vidas que passam pela pobreza e pela espoliação — preteridas pelos discursos de prosperidade e vitória.

De forma pontual, a teologia das religiões aconselhada no Sínodo se dá a partir da pastoralidade junto a expressão teológica das pequenas comunidades quando se pode reconhecer os rostos, as pessoas. No entendimento do Papa Francisco deve-se então ser guiado pela postura aberta e acolhedora às pessoas. Nesse caso, com o Sínodo se busca desenvolver outro modo de igreja em que todas as gradações de religiosos podem ser protagonistas, e se expressar livremente, sem tantas preocupações com dogmatismos. No entanto, devem ser absolutamente preocupados com o cuidado da casa comum.

E, por fim, o tema da profecia é retomado no Sínodo, da seguinte forma: “la iglesia nos proteja, el pueblo indígena mojeño, a los pueblos de tierras bajas, que estamos pidiendo a gritos que nos puedan ayudar, que nos puedan salvar, que nos puedan escuchar, que nos puedan ayudar ahora más que nunca que están desarmando nuestro territorio que nos están avasallando... ¿a dónde vamos a ir a pescar a dónde a cazar?” (CPIB, 2016). O Papa Francisco faz importantes afirmações indicando a profecia quando se proclama o direitos dos povos indígenas e dos pobres como lugar teológico obrigando a levantar a questão do poder se posicionando junto aos que não tem possibilidade de fazer valer os direitos face às grandes corporações econômicas e instituições políticas. E, assim, a condição teológica da igreja profética, é de assumir a causa da agroecologia (orgânica e agroflorestal) e da justiça rural sobre o foco da reforma agrária. Também, para o Papa, a igreja profética luta pela igualdade da mulher, assegurando canais de sua participação, combatendo a violência física, doméstica e psicológica. E, agir profeticamente seria de ajuda na criação de redes de colaboração nos espaços de incidência regional, internacional e

global, nos quais os próprios povos possam manifestar suas denúncias contra a violação de seus direitos humanos.

O Sínodo para a Amazônia: proposta e discurso

O sínodo é uma forma de organização permanente do episcopado católico que se concretiza em assembleias sinodais. Um dos produtos da grande reforma trazida pelo Concílio Vaticano II e sancionado pelo Papa Paulo VI, o sínodo pretende promover o sentido da colegialidade da igreja, segundo o discurso oficial. A definição dada pela Santa Sé, afirma “o sínodo é uma assembleia de bispos que representa o episcopado católico e tem como tarefa ajudar o Papa no governo da Igreja universal dando-lhe seu conselho” (CNBB, 2019). Sob uma ótica político-social, podemos dizer que se trata de um instrumento de governamentalidade, no sentido foucaultiano (FOUCAULT, 2008). Em outras palavras, trata-se de um mecanismo de governo sobre pensamentos, corpos, valores, ideias do “corpus católico” com repercussões no “corpus social” como um todo.

Em outubro de 2017, o Papa Francisco convocou uma assembleia sinodal, dois anos adiante, com o tema, “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral” (CNBB, 2019). A região é estratégica sob diversos pontos de vista: econômico, político, social, religioso, étnico, cultural. Uma das mais importantes áreas do planeta, tem em seu total mais de sete milhões de quilômetros quadrados distribuídos em nove países, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela, Guiana Francesa, Guiana e Suriname. A maior parte, cinco e meio milhões de quilômetros quadrados, corresponde a três quintos da extensão territorial brasileira.

A Pan-Amazônia é, portanto, um vasto território com uma população diversificada social, política, religiosa, econômica e ética, com as mais variadas riquezas, decisivas para o futuro humano, entre as quais, a biodiversidade animal/vegetal e a água doce, são recursos em processo de rápida exaustão. Sobre esse vasto território, imensos interesses econômicos, políticos, governamentais e sociais se erguem e envolvem agentes multinacionais e locais, nações, igrejas, corporações empresariais, dentre muitos outros.

Exercer poder e governar, disciplinar, mover os corpos e vontades em uma extensão territorial, caracteriza os dispositivos de governamentalidade que envolvem práticas, ideias, organizações, instituições, mercados, elementos materiais e que produzem disposições subjetivas encarnadas em mentalidades, em formas de ver o mundo e o cosmos, expressas em ritos, mitos, textos e oralidades. O vigor de um modo de governamentalidade pode ser hegemônico e pode conviver com resistências e oposições.

O órgão oficial da Igreja no Brasil apresenta a justificativa do Papa Francisco para o Sínodo:

identificar novos caminhos para a evangelização daquela porção do Povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno, também por causa da crise da Floresta Amazônica, pulmão de capital importância para nosso planeta. Que os novos Santos intercedam por este evento eclesial para que, no respeito da beleza da Criação, todos os povos da terra louvem a Deus, Senhor do universo, e por Ele iluminados, percorram caminhos de justiça e de paz.

Na breve fala, ecoa a encíclica *Laudato Si'*, que reorientou o pensamento da Igreja sobre a ecologia, trazendo ao centro do debate as forças econômicas que destroem as riquezas naturais, a questão do aquecimento global, os direitos dos pobres e migrantes (FRANCISCO, 2015).

O site da CNBB (2019), apresenta o sínodo da seguinte forma:

Um Sínodo para RECONHECER as lutas e resistências dos Povos da Amazônia que enfrentam mais de 500 anos de colonização e de projetos desenvolvimentistas pautados na exploração desmedida e na destruição da floresta e dos recursos naturais; Um Sínodo para CONVIVER com a Amazônia, com o modo de ser de seus povos, com seus recursos de uso coletivo compartilhados num modo de vida não capitalista adotado e assimilado milenarmente. Um Sínodo para DEFENDER a Amazônia, seu bioma e seus povos ameaçados em seus territórios, injustiçados, expulsos de suas terras, torturados e assassinados nos conflitos agrários e socioambientais, humilhados pelos poderosos do agronegócio e dos grandes projetos econômicos desenvolvimentistas. Quais são as pautas: De acordo com o Documento Preparatório, o Sínodo vai refletir sobre os novos caminhos de evangelização que devem ser elaborados para e com o povo de Deus que habita na região amazônica: habitantes de comunidades e zonas rurais, de cidades e grandes metrópoles, ribeirinhos, migrantes e deslocados e, especialmente, para e com os povos indígenas.

No *Documento Preparatório* ao Sínodo para a Pan-Amazônia, percebemos a forte articulação entre a teologia da misericórdia e os saberes históricos, filosóficos e sociológicos perfilados no método ver-julgar(discernir)-agir, que caracterizou a Igreja latino-americano desde Puebla (REPAM BRASIL, 2018, p. 3). A abertura do documento menciona, por exemplo, a ocupação da Amazônia, os dispositivos coloniais e capitalistas predatórios:

Sem embargo, hoje, a riqueza da floresta e dos rios da Amazônia está ameaçada pelos grandes interesses econômicos que se alastram sobre diferentes regiões do território. Tais interesses provocam, entre outras coisas, a intensificação do desmatamento indiscriminado na floresta, a contaminação dos rios, lagos e afluentes (por causa do uso indiscriminado de agrotóxicos, derrame de petróleo, mineração legal e ilegal, e dos derivados da produção de drogas). A tudo isso, soma-se o narcotráfico, pondo em risco a sobrevivência dos povos que, nesses territórios, dependem de recursos animais e vegetais.

A esse diagnóstico, seguem reflexões e propostas de ação, metodologias de trabalho, gestos e orações. Pede-se uma conversão pastoral e ecológica. O documento traz a expressão da espiritualidade popular, com letras de canções que cantam os ribeirinhos, os caboclos, os índios, a luta, o amor, Maria como Mãe da Amazônia (REPAM BRASIL 2019). A oração oficial pelo sínodo, à página 94, e a logomarca, uma folha em pé, sulcada por uma cruz, como uma labareda, cor verde de um lado, um cipó marrom e tijolinhos coloridos, demonstram o investimento na enculturação (REPAM BRASIL, 2019, p. 94, capa inicial e final). Diz um trecho da oração: “Suscitai discípulas e discípulos missionários, que, pela palavra e o testemunho de vida, anunciem o Evangelho aos povos da Amazônia, e assumam a defesa da terra, das florestas e dos rios da região, contra a destruição, poluição e morte” (REPAM BRASIL 2019, p. 94).

Mas, falemos um pouco sobre as disputas entre diferentes dispositivos se sucederam o longo de séculos, desde 1540, quando a colonialidade se implantou como *modus* governamental geral caracterizado pela submissão à Coroas Ibéricas, Portugal e Espanha. Sucederam-se, então, o dispositivo extrativista, o mercantil capitalista, o produtivo capitalista e o capitalista

financeiro, caracterizados, sucintamente, pela ideia de extração, comércio, produção e financeirização capitalista.

O sínodo panamazônico como dispositivo de governamentalidade eclesial, envolve, portanto, o ordenamento do discurso pastoral como prática política, mas sob a luz de uma teologia, que impregna a rede de elementos que compõem o governo das almas e dos corpos.

A linha teológica do dispositivo está desenhada nas falas oficiais, no caso, as falas da CNBB (2019), quando esta apresenta a justificativa e as ideias que sustentam esse acontecimento ímpar na vida social e na vida eclesial. Diz-nos:

Em 2018, durante o encontro com povos indígenas de quase todos os países da Pan-Amazônia, em Porto Maldonado, Peru, o papa Francisco falou sobre a riqueza dos saberes e da diversidade indígena, sobre a necessidade de defender a Amazônia e seus povos e, também, sobre as ameaças que estes povos enfrentam em função dos interesses econômicos em seus territórios (CNBB, 2019).

A reunião sinodal, que despertou a fúria do governo de extrema-direita brasileiro, ocorrerá durante o Papado de Francisco, promoveu uma inflexão nas temáticas conservadora-moralistas que recebiam atenção dos papas João Paulo II e Bento XVI.

Os eixos do novo papado tornam clara a inflexão: a misericórdia divina como o universal necessário e inadiável aos seres humanos, à natureza e as sociedades, a preferência pelos migrantes desterrados e expulsos, o meio-ambiente, contra a cultura do descarte, o diálogo inter-religioso e intercultural, o excesso consumista e o capitalismo financeiro e predatório.

Os documentos se articulam em uma tessitura densa, que retoma as linhas teológicas do Vaticano II e põem em tela a ideia de ecologia integral, ressaltando a múltipla dimensionalidade da ação da Igreja na Amazônia: dimensão bíblico-teológica, dimensão social, dimensão ecológica, dimensão sacramental e dimensão eclesial-missionária (SECRETARIA GERAL DOS BISPOS, 2018). No quadro abaixo estão os principais tipos documentais citados com mais frequência no *Instrumentum Laboris*,

Quadro 2 – Principais Documentos Citados

Exortações Apostólicas	Cartas-Encíclicas	Documentos
		Documento da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM), Medellín, Colômbia, 1968.
Exortação Apostólica pós-sinodal <i>Reconciliatio et Paenitentia</i> , João Paulo II, 1984.		Documento da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM), Puebla, México, 1979.
Exortação Apostólica pós-sinodal <i>Amoris Laetitia</i> , Francisco, 2016.		Documento da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM), Aparecida, Brasil, 2007.
Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> , Francisco, 2013.	Carta Encíclica <i>Sollicitudo Rei Socialis</i> , João Paulo II, 1987.	Documento da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Do Caribe (CELAM), Santo Domingo, República Dominicana, 1992.
Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i> (sobre a sagrada Liturgia), Concílio Vaticano II, 1963.	Carta Apostólica <i>Octogesima Adveniens</i> , Paulo VI, 1971.	Doc. Eixo de Fronteiras-Doc. Eixo de Fronteiras (2019).
Constituição dogmática <i>Dei Verbum</i> (sobre a Revelação divina). Concílio Vaticano II, 1965.	Carta Encíclica <i>Redemptoris Missio</i> , João Paulo II, 1990.	Preparação para o Sínodo sobre a Amazônia. Tabatinga, Brasil, de 11 a 13 de fevereiro de 2019.
Constituição Apostólica <i>Veritatis Gaudium</i> , sobre as Universidades e as Faculdades Eclesiásticas, Francisco, 2017.	Carta Apostólica <i>Novo Millennio Ineunte</i> , João Paulo II, 2001.	Doc. Preparatório Documento Preparatório do Sínodo para a Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral, Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 2018.
Constituição Apostólica <i>Episcopalis Communio</i> , Francisco, 2018	Carta Encíclica <i>Laudato Si'</i> : sobre o cuidado da casa comum, Francisco, 2015	Decreto Ad Gentes: Sobre a Atividade Missionária da Igreja, Paulo VI, Concílio Vaticano II, 1965.

Fonte: Autores (2019).

Sanchis (2018) argumenta que a catolicidade é construída como uma longa tessitura entre tradições e modernidades, recheada de sincretismos e tensões que a fazem bailar entre as dimensões formais, institucionais e sociais, ora enrijecendo, ora desengessando suas concepções de sagrado, de mundo,

de ação pastoral. Hervieu-Léger (2008) afirma que entre o evento fundador, Jesus Cristo no caso do cristianismo, e o momento atual, estende-se uma linha-crente que reúne forças, grupos, visões teológicas, clero, laicato, em uma imensa rede mnemônica que pretende anular o tempo e o espaço, ocultando as tensões, divisões e rupturas. A modernidade impôs forças que estilhaçaram as lógicas que mantinham unidas, no seio do catolicismo ou das religiões institucionais, os sentidos de comunidade, adesão, cultura, ética e afeto (HERVIEU-LÉGER, 2008). O trabalho da religião na modernidade é, pois, o de se recompor como agente social, institucional, político, moral e cultural que tenha algum relevo para a vida humana e produza impacto e, assim, continuem as linhas-crentes na história tumultuada da modernidade.

Nesse sentido, se analisarmos o instrumento de trabalho do sínodo para Amazônia, veremos em sua tessitura linhas pastorais que evocam o hercúleo esforço que o Vaticano II promoveu para recompor a Igreja como massa, fermento e agente no mundo. O grande evento é um vasto tecido em que fatos, discursos, ideias, valores, personagens, documentos estão entrelinhados em uma urdidura teológica que fala ao mesmo tempo para o tempo da eternidade e o tempo da humanidade. Por exemplo, o discurso oficial remete à fala de Paulo VI “Cristo aponta para a Amazônia” (CNBB, 2019), mas o *Instrumentum Laboris* organiza em um mesmo conjunto as falas oficiais da Igreja, dados de órgãos estatais como o IBGE, descortinando o cenário de debates onde movem-se os atos, passos, atitudes, crenças e rituais, acolhidos pelo Sínodo (SECRETARIA GERAL DOS BISPOS, 2018). Abaixo, a estrutura do *Instrumentum Laboris* resumida:

Quadro 3 – Estrutura do *Instrumentum Laboris*

1ª Parte – A Voz da Amazônia	2ª Parte – Ecologia Integral: o Clamor da Terra e dos Pobres	3ª Parte – Igreja Profética na Amazônia: Desafios e Esperança
<p>I. Vida – Amazônia, fonte de vida. Vida em abundância; O “bem viver”; Vida ameaçada; Defender a vida, enfrentar a exploração; Clamor para viver;</p> <p>II. Território. Território, vida e revelação de Deus, Um território onde tudo está interligado; A beleza e a ameaça do território; Território de esperança e do “bem viver”;</p> <p>III. Tempo (kairós), Tempo de graça. Tempo de inculturação e de interculturalidade; Tempo de desafios graves e urgentes; Tempo de esperança;</p> <p>VI. Diálogo. Novos caminhos de diálogo; Diálogo e missão; Diálogo com os povos amazônicos; Diálogo e aprendizagem; Diálogo e resistência</p>	<p>I. Destruição extrativista: o clamor amazônico. Ecologia integral; Ecologia integral na Amazônia; Não à destruição da Amazônia</p> <p>II. Povos indígenas em isolamento voluntário (PIAV). Ameaças e proteção; Povos nas periferias; povos vulneráveis</p> <p>III. Imigração: povos amazônicos em saída. Causas da migração, Consequências da migração</p> <p>IV. Urbanização. Urbanização da Amazônia, cultura urbana; Desafios urbanos</p> <p>V. Família e comunidade. As famílias amazônicas; Mudanças sociais e vulnerabilidade familiar</p> <p>VI. Corrupção. Corrupção na Amazônia; flagelo moral estrutural;</p> <p>VII. A questão da saúde integral. Saúde na Amazônia; Valorização e aprofundamento das medicinas tradicionais</p> <p>VIII. Educação integral. Uma igreja sinodal: Discípula e mestra; Educação como encontro; Educação para uma ecologia integral</p> <p>IX. A conversão ecológica. Cristo nos chama à conversão; Conversão integral; Conversão eclesial na Amazônia.</p>	<p>I. Igreja com rostro amazônico e missionário. Um rosto rico de expressões; Um rostro local com dimensão universal; Um rosto desafiador diante das injustiças; Um rosto inculturado e missionário</p> <p>II. Desafios da inculturação e da interculturalidade. A caminho rumo a uma igreja com rostro amazônico e indígena; A evangelização nas culturas;</p> <p>III. A celebração da fé. Uma liturgia inculturada</p> <p>IV. A organização das comunidades. A cosmovisão dos indígenas; Distâncias geográficas e pastorais; sugestões</p> <p>V. A evangelização nas cidades. Missão urbana; desafios urbanos;</p> <p>VI. Diálogo ecumênico e inter-religioso</p> <p>VII. Missão dos meios de comunicação. Meios, ideologias e culturas; Meios de comunicação da Igreja;</p> <p>VIII. O papel profético da igreja e a promoção humana integral. Igreja em saída; Igreja à escuta; Igreja e poder.</p>

Fonte: Autores (2019). Os grifos em negrito são dos elaboradores do texto.

As palavras-chaves e o conteúdo do documento de trabalho expressam uma rede de concepções, orientações e ações que retomam e inovam, buscam

no passado eclesial Pós-Vaticano II as fontes de inspiração, com as ideias de enculturação, e inova, ao trazer para o documento a discussão climática, social e cultural contemporâneas e, com isso, propor a ideia de ecologia integral.

A conversão ecológica é um termo inovador, nesse sentido, e se conecta ao programa do papado de Francisco que propõe uma Igreja em saída, em escuta, em diálogo e em ação de misericórdia. O rosto amazônico, na parte trê, tem feito circular ideias, sob a forma de sugestão, retratadas na grande mídia brasileira, como a de padres casados (DOMINGUES, 2019). A resistência polêmica contra essa ideia, também contra as perspectivas de inclusão e justiça social e ambiental, é levantada por setores ultraconservadores da Igreja Católica. Observamos que o tema do casamento circula pelas mídias faz trinta anos (FOLHA S. PAULO, 2019), assim como a forte oposição conservadora. Analistas têm traçado um panorama pessimista ao analisarem as agressivas reações ao papado de Francisco e a fraca mobilização das linhas eclesiais partidárias do reformismo bergogliano (POLITI, 2019). Todavia, o Sínodo para a Pan-Amazônia é um passo importante na longa trajetória de uma ampla e ansiosa reforma que reconecte a Igreja ao mundo contemporâneo e suas angústias e descobertas, seu júbilo, suas doenças, seus impasses e problemas, sua diversidade ambiental, cultural, sexual e étnica.

Considerações Finais

A realização do Sínodo da Amazônia é tentativa de reforçar a presença do catolicismo na Amazônia. Presença que nos discurso elege os subalternos e excluídos como os protagonistas deste “novo catolicismo” que emerge no século XXI. O Sínodo está preocupado com as questões ambientais, indígenas, agrárias, papel da mulher, valorização da cultura africana, ecumenismo, dentre outros assuntos, o que o torna um adversário para ideologias neofascistas e nacionalistas que tem vingado no contexto político brasileiro.

No tocante a assuntos externos, existe uma articulação para o reforço de posturas ligadas a setores da teologia da libertação que existem ainda no interior da igreja, a exemplo a condenação ao desmatamento, denúncia sobre os problemas sociais, reivindicação de políticas públicas para os excluídos e maior diálogo com setores da sociedade civil.

Em relação aos assuntos internos, o maior problema se torna como lidar com a queda contínua do número de fiéis e ampliação da presença de sacerdotes nas comunidades amazônicas. Uma das saídas é suspender o celibato nessa região, acolhendo homens casados e com família, de origem ribeirinha ou indígena, ou, em algumas posições mais radicais, permitir o casamento de padres. Argumenta-se que somente essas medidas podem aumentar o número de pessoas que tenham interesse em tornarem-se sacerdotes, e assim, aumentar o número de casamentos, batismo e celebrações das missas. A identidade católica se constitui na tensão entre o polo da hierarquia, a presença de padre ou bispo, e o polo laico, com seus grupos, pastorais, movimentos e associações. Desmobilizar um dos polos seria desmontar o eixo de gravidade identitário do catolicismo. O Sínodo, envolto em polêmicas internas, por parte dos conservadores e reacionários católicos, e externas, por parte de governos autoritários e comprometidos com o capitalismo predatório, grupos ruralistas, trará novas diretrizes e estratégias para garantir a presença de um catolicismo vigoroso na Amazônia. Se dará certo, apenas o tempo e os movimentos da história dirão.

Referências

CENTRAL DE PUEBLOS INDÍGENAS DEL BENI [CPIB]. *Asamblea del Beni* – Ecuador, 2016. Documento preparatorio de circulación interna.

CNBB. *O Sínodo para a Pan-Amazônia*. CNBB. Igreja Católica Apostólica Romana. Brasília, 19/02/2019. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/o-sinodo-para-a-pan-amazonia/>> Acesso em: 24 jun. 2019.

DOMINGUES, F. Entenda por que o Vaticano prepara um encontro sobre a Amazônia e o que será discutido. *G1 Portal de Notícias*, Rio de Janeiro, 25/06/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/06/25/entenda-por-que-o-vaticano-prepara-um-encontro-sobre-a-amazonia-e-o-que-sera-discutido.ghtml>> Acesso em: 26 jun. 2019.

DREHER, M. *História do povo de Jesus*, São Leopoldo: Sinodal, 2014.

DUPUIS, J. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.

FOLHA DE S. PAULO. 1969: CNBB tenta contornar polêmica após cogitar a inclusão de casados no clero. São Paulo: *Folha de S. Paulo*, 7 abr. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/banco-de-dados/2019/04/1969-cnbb-tenta-contornar-polemica-apos-cogitar-a-inclusao-de-casados-no-clero.shtml>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Cultrix, 1999.

FOUCAULT, M. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da Casa Comum. Vaticano: Cidade do Vaticano, 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2019.

HARVEY, D. *A produção social dos espaços*, São Paulo: Grafar, 2001.

HERVIEU-LÉGER, D. *O peregrino e o convertido. A religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARTINS, K. D. A 'civilização cristã' como projeto católico para a sociedade amazônica: D. Macedo Costa e seus interlocutores no oitocentos. *Revista Tempo Amazônico*, v. 2, p. 141- 169, 2015.

MAUÉS, R. H. *A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Belém: EDUFPA, 1980.

MAUÉS, R. H. Comunidades “no sentido social da evangelização”: CEBs, Camponeses e Quilombolas na Amazônia Oriental Brasileira. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 13-37, 2010.

PACHECO, A. S. Religiosidade afro-indígena e natureza na Amazônia. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 30, p. 476-508, abr./jun. 2013.

PIMENTEL, W. S. *A Igreja dos pobres: resistências eclesiais no norte do Brasil (1966-1983)*. 1ª. ed. Curitiba: Prismas, 2016.

POLITI, M. *La solitudine di Francesco*. Bari: Editori Laterza, 2019.

REIS, M. V. de F. *Política e Religião: Participação política dos católicos carismáticos do Brasil*. 2016. 146pp. Tese (Doutorado em Sociologia) – UFSCar, São Carlos, 2016.

REIS, M. V. F.; CARMO, A.T. O campo religioso amapaense: uma análise a partir do Censo do IBGE de 2000 e 2010. *Observatório da Religião*, Universidade do Estado do Pará, v. 2, n. 2, p. 175-197, 2015.

REPAM BRASIL. Comissão Episcopal para a Amazônia. Rede Eclesial Pan-Amazônica. *Amazônia: novos caminhos para a igreja e para uma Ecologia Integral*. Documento Preparatório. 2ª. ed. Brasília: Edições da CNBB, 2018.

SANCHIS, P. As tramas sincréticas da história – sincretismo e modernidades no espaço luso-brasileiro. In: SANCHIS, P. *Religião, cultura e identidades*. Matrizes e matizes. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 42-65.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DA AMAZÔNIA. *Instrumentum laboris. Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*, 2018. Disponível em: <<http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html>>. Acesso em: 02 set. 2019.

SECRETARIA GERAL DOS BISPOS. *Instrumentum Laboris. Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral*. Vaticano: Cidade do Vaticano, 2018. Disponível em: <<http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

TEIXEIRA, F. *Teologia das religiões: uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995.

RECEBIDO: 22/09/2019
APROVADO: 27/10/2019

RECEIVED: 09/22/2019
APPROVED: 10/27/2019